



Capella de Santa Rosalia no monte Peregrino

Em o numero 11 deste semanario, fazendo nós uma breve descripção da cidade de Palermo e seus arredores, dissemos que no monte Peregrino, celebre outr'ora, segundo reza a historia, por ter servido de fortaleza inexpugnavel ás tropas de Amilcar Barca, pae do famoso Annibal, existia uma gruta onde foi encontrado o cadaver da virgem Santa Rosalia, e que essa gruta fôra transformada em uma igreja magnifica, de aspecto deslumbrante, algum tempo depois de haver cessado uma horrivel epidemia que dizimara uma grande parte da população desta cidade. Eis, pois, a que se refere a gravura que vae á frente deste artigo. Representa ella o interior dessa igreja subterranea, de architectura antiga, cujo silencio profundissimo só é interrompido pelo suave murmuro das orações dos fieis ou pela voz do sacerdote quando entôa os seus hymnos no altar, junto do qual, ajoelhada e inclinada diante da Cruz, está uma estatua riquissima, de tamanho natural, que,

mesmo vista de perto, illude. Esta estatua representa Santa Rosalia, a padroeira de Palermo.

DANIEL O'CONNELL

(Continuação)

A Irlanda não segue o movimento da sua vizinha, e reage pelo contrario energicamente contra a religiosa. Seria por affecto ao catholicismo, ou simplesmente por odio *á priori* contra todas as innovações que de Inglaterra lhe viessem? Parece que as duas causas se reuniram para consolidar na Irlanda o poder do Papa. O povo irlandez, pobre, quasi selvagem, estranho quasi todo ao movimento dos espiritos na Europa, separado da civilização pela barreira da Inglaterra, não podia deixar de se conservar afferado ás suas crenças tradicionaes. O apostolado dos ministros protestantes não angariou nem um proselyto; a força, que o irascivel Henrique VIII fez succeder á persuasão, logrou, como sempre succede, converter apenas ficticiamente alguns

chieftains, e exacerbar o odio das massas, e arraigar com o prestigio do martyrio a fé catholica perseguida no espirito das victimas.

Incrível cegueira de todas as religiões dominadoras! Cegueira que só neste seculo principia vagamente a dissipar-se! Querem combater com a força material a força espiritual d'uma idéa, d'uma idéa, planta que transforma em seiva o sangue dos martyres, que viça entre as ruínas dos incendios, que resurge sempre mais florida e mais vivida depois das tempestades das perseguições!

A inquisição perpetuou na Europa a religião hebraica. As revogações dos editos protectores do calvinismo, as guerras atrozes movidas ao lutheranismo alastraram por todo o Norte da Europa as seitas, que a indiferença catholica abafaria talvez em Wittemberg e em Genebra! Em nenhuma parte do mundo vigora o catholicismo com mais força do que na Polonia e na Irlanda, graças ás atrocidades dos czares, e á oppressão do governo inglez.

Cegueira fatal, cujos resultados ainda hoje em 1866 perturbam e assustam a prosperidade immensa da Grã-Bretanha! Noda que ainda hoje desfeia o esplendor d'aquella brilhantissima civilização! Não bastava que um antigo odio separasse os dois povos, e quizeram ainda alimentar essa inimidade latente, que o lento decorrer dos seculos iria pouco a pouco apagando, com os terriveis fructos da dissensão religiosa! O fogo que ardia debaixo das cinzas quizeram apagal-o com sangue, e não sabiam que o sangue é, ainda mais do que o alcool, horrido combustivel para essas pyras odientas.

A crença rotineira deram a exaltação do martyrio, acordaram a indiferença do clero catholico dando-lhe a exaltação do combate, e das massas pacificas ainda que inimigas fizeram soldados, exasperaram um povo inteiro, e legaram ás gerações vindouras um testamento de vinganças, cuja liquidação tem durado seculos e ainda não está finda.

Seria conhecer mal a politica dos papas, se se pensasse que elles não aproveitariam com jubilo, a occasião de suscitarem tantos embaraços ao seismatico Henrique VIII. Como se ainda não bastasse, para excitar os animos, o clero do paiz, em 1548 entraram os jesuitas na Irlanda, e com elles o eterno elemento da revolta.

Eduardo VI, filho de Henrique VIII, nada conseguiu tambem no seu curto reinado; com a subida ao throno de Maria Tudor respirou por um pouco a Irlanda, ou antes mudou de caracter a perseguição, sem se tornar menos sanguinolenta; a curta victoria do catholicismo assignalou-se com tantas barbaridades como a longa dominação do protestantismo.

Cinge a corôa ingleza a politica e energica Isabel, *rex Elisabeth*, como os inglezes diziam num distico latino. Tenta ella primeiro conciliar os animos, mas a hostilidade do partido catholico accende-lhe o animo irascivel. As perseguições redobram, responde-lhes a resistencia armada. Uma medida iniqua faz trasbordar o vaso do odio. Confisca a rainha os rendimentos da igreja catholica, e consagra-os á subvenção da igreja anglicana. Protesta por todos os lados a revolta. A Irlanda está em fogo, e esse fogo alimentam-no incessantes o papa e a côrte de Hespanha. Dura

desde 1560 a insurreição, sem conseguir resultados importantes, mas sem ser debellada tambem. Em 1595 apparece aos revoltosos chefe experiente e habil. É o conde de Tyrone, um d'esses emigrados que a perseguição ingleza obrigava a refugiarem-se no continente, e que, servindo nos exercitos estrangeiros, lá adquiriam a pratica da guerra.

Mandou contra elle a rainha o conde d'Essex com um exercito de 22000 homens. Sem ser batido, mas sem ser victorioso, o exercito inglez acha-se collocado em circumstancias tão perigosas que o seu general evacua a ilha, pactuando com os rebeldes. Succede-lhe lord Mountjoy que doma a revolta a fogo e a sangue. O desembarque de dois exercitos hespanhoes, um commandado por Aquila, outro por Ocampo, chama de novo a população ás armas com o conde de Tyrone á sua frente. De novo batida, o cançasso prostra a final a rebeldia, e a Irlanda offegante entra na tranquillidade. Mas em que estado, Deus do céu!

É necessario que as paixões politicas desvairem muito um soberano para que elle ouse promulgar contra os seus subditos as leis que a rainha Isabel não duvidou firmar com o seu nome. As leis dos monarchas seus antecessores haviam decretado a oppressão, as suas decretaram a miseria. Foi desde essa época nefanda e nefasta que a verdejante Erin, a ilha cantada por Thomaz Moore, vio os seus filhos expulsos dos campos paternaes para vaguearem sem pão e sem asylo pelos montes da sua patria, ou abandonarem com a dôr no coração a terra do seu berço para irem percorrer, pobres proscriptos, o mundo que lhes não pôde fazer esquecer as campinas de esmeralda da Erin formosissima.

Apesar das suas tendencias para o catholicismo, Jayme I, o filho da desgraçada Maria Stuart, e o successor de Isabel que lhe assassinára a mãe, não fez senão augmentar a miseria da infeliz Irlanda. Ora a vingança, ora a incapacidade se conspiravam para fazer pesar sobre esse Job das nações a miseria extrema e a desgraça completa.

Seiscentas mil geiras de terra tinham sido confiscadas pela rainha Isabel e distribuidas por colonos inglezes. A pretexto de restabelecer a justa ordem das cousas, Jayme I obrigou os senhores irlandezes a apresentarem os titulos das suas propriedades, que eram confiscadas em proveito da corôa aquelles que não estavam perfeitamente em regra; mas, em vez de serem restituidas aos colonos nacionaes, eram vendidas a colonos inglezes e escocezes, que vinham accrescentar a população, e augmentar por conseguinte a miseria dos indigenas.

Não foi menos terrivel para a Irlanda o reinado do seu infeliz successor Carlos I. Lord Strafford, vice-rei da Irlanda, o mesmo que depois o rei, obrigado pelo parlamento inglez, condemnou á morte, fez pesar sobre o paiz um jugo de ferro. Continuou o odioso systema das confiscações, e levou-o elle a tal ponto que chegou a conceber o louco pensamento de converter uma provincia inteira, a provincia de Connaught, em dominio da corôa. Uma tal oppressão despertou a Irlanda do lethargo em que jazia. Em 1641, levantou-se em massa o povo, e, fanatisado e exaltado pelo clero catholico, assignalou, como sempre, com horrendas vinganças, essa nova re-

volta. O sangue de quarenta a cinquenta mil protestantes foi derramado pelos insurgentes. A Inglaterra tremeu, e o parlamento, excitado por esse odio quasi inconcebivel em estadistas frios e racionadores, ordenou ainda uma confiscação immensa, a de dois milhões e quinhentas mil geiras de terreno para supprir ás despezas da guerra!

Mas o vento da discordia soprava então em toda a Grã-Bretanha. Tinham principiado as contestações que só se resolveram a final no cadafalso do desgraçado monarcha. Lord Ormond, habil vice-rei da Irlanda, e muito dedicado aos interesses de Carlos I, soube captar a confiança dos chefes da revolta, e transformal-os em defensores da regia causa. Era sina dos Irlandezes seguirem sempre a facção vencida. O parlamento triumphante escolheu para seu delegado na Irlanda, e commandante do exercito o implacavel Cromwell. Este puritano sombrio concebeu o horrendo plano de exterminar em massa os catholicos e de deportar uma nação inteira para as Indias Occidentaes. A barbaridade do protector da Grã-Bretanha deixava a perder de vista a deportação dos Judeus de Hespanha por Fernando o Catholico, de Portugal por D. Manuel, e dos Moiriscos por Philippe III.

A perseguição movida pelo genro de Cromwell, Ireton, em cumprimento das ordens de seu sogro, tirou represalias terriveis da mortandade dos cinquenta mil protestantes. Centenas de milhares de desgraçados morreram de frio e de fome nos paúes onde o terror os compellira a refugiar-se!

Veio a restauração dos Stuarts. Subio ao throno Carlos II. Qual foi a recompensa do paiz que tanto padecera pela causa dos reis? O olvido. A perseguição religiosa cessou, mas as confiscações subsistiram em todo o seu rigor, e raros Irlandezes obtiveram, e só depois de infinitas demandas, que lhes fossem restituidas as suas propriedades.

Paremos um instante! Fatiga este longo caminhar com os pés no sangue, este percorrer a via dolorosa d'um povo. Os seculos succedem aos seculos, os monarchas aos monarchas, as gerações ás gerações, e a Irlanda, não tendo um momento de repouso, nem por instantes respirava uma atmospherá menos tempestuosa. A historia deste povo é um martyrologio de sete seculos.

A reacção catholica que principiou a dominar com a subida ao throno de Jayme II deu grandes esperanças á Irlanda. Brevemente as dissipou a transformação politica de 1688, e a Irlanda vio-se lançada de novo nas sendas aventurezas da insurreição. Sorrio-lhes primeiro a ventura. Jayme II, o monarcha expulso do throno, desembarcou em 1689 na Irlanda; á testa dos Irlandezes revoltados, expulsou de todas as praças fortes as guarnições inglezas, e dois mil e quatrocentos proprietarios protestantes foram obrigados a restituir as suas terras. Mas em 1690, Guilherme III, o rei eleito do protestantismo, desembarcou a seu turno na Irlanda, bateu o seu competidor e sujeitou á nova dynastia o territorio da ilha. Recomeçam as vinganças.

Um milhão de geiras de terra ainda confisçadas pelo parlamento e distribuidas a protestantes, a expulsão da ilha dos altos dignatarios da igreja catholica, a prohibição ao baixo clero de saír das suas provincias, a abolição do ensino

catholico e dos signaes exteriores do culto, as funcções publicas interditas a todos os catholicos, e estes mesmos parias declarados incapazes de possuirem propriedades territoriaes, de testarem livremente, de casarem com mulheres protestantes, e inclusivamente, (clausula onde a tyrannia assume as proporções do ridiculo) de montarem cavallos que valessem mais de cinco libras, eis quaes foram os estygmás com que a Inglaterra, ainda uma vez vencedora, marcou a fronte escrava da Irlanda sua irmã. E vinha proximo o seculo XVIII, e em toda a parte raiava por céos e terra a aurora da liberdade, e essa mesma revolução de 1688, que d'essa fórma tyrannisava um povo, tinha de ser considerada pelos historiadores como a estrella d'alva que precedeu um seculo o despontar do sol esplendoroso de 1789, do sol, que devia illuminar em torno das muralhas derrocadas da Bastilha um povo inteiro quebrando com os seus grilhões os grilhões da Europa, entre brados de immenso entusiasmo.

Avante! Os Irlandezes não bebem ainda até a ultima gota a sua taça de fel. O governo inglez estancou-lhes as fontes da sua riqueza agricola, transformou-os em ilotas, vaø agora matar a sua industria e o seu commercio. Um direito de saida exorbitante veio paralyzar a exportação dos productos do solo e da industria irlandeza. Só o odio explica estas cousas, que indignam a humanidade, e que a propria politica do egoismo repelle.

Continuemos. Em 1727 perdem os catholicos o seu direito de eleitores, e com elle o seu ultimo direito de cidadãos. Só falta amarrarem-lhes a grilheta ao pé, e marcarem-lhes na fronte com um ferro em brasa a palavra «Escravo.»

Era tempo de principiar a reacção. Todo o mundo estremecia ao frémito da liberdade, as idéas da philosophia humanitaria calavam em todos os animos, a legislação perdia o caracter tyrannico da idade média, e principiava a illuminar-se com os reflexos da pura luz do Evangelho. Ao mesmo tempo a Irlanda mostrava-se cada vez mais ameaçadora na sua imponente tranquillidade; não eram já loucas revoltas, que levavam á carnificina a flor da mocidade irlandeza, eram sociedades secretas habilmente organisadas e que trabalhavam, e minavam constantemente na sombra, actuando sobre os espiritos, e muitas vezes, infelizmente, exercendo terriveis represalias. Eram os *defenders* (os defensores) os *whiteboys* (os rapazes brancos) os *hearts of oak* (os corações de carvalho.) Esta attitudo decidida, junta aos embaraços suscitados pela revolução das colonias americanas, fez recuar o parlamento inglez. Em 1782 foi abolido o acto de Poyning, que datava do seculo XIV, e que abolia a independencia legislativa do parlamento da Irlanda. As leis penaes, promulgadas por Guilherme de Orange, foram revogadas. Mas a tradição domina efficazmente na Inglaterra; qualquer mudança nas formas da velha constituição lhe parece uma profanação horrenda. Por isso, apesar das concessões que mencionámos, as duas principaes chagas subsistiram, o pagamento do dizimo pelos catholicos ao clero protestante, e a sua incapacidade para ter direitos politicos.

Esta obstinação em conservar as duas grandes pedras de escandalo da Irlanda destruiu o bom effeito que as concessões antecedentes haviam

produzido. Ao rebentar a revolução franceza os votos dos Irlandezes voltaram-se para o signo da liberdade que fluctuava no continente, e tal era o odio que elles consagravam aos Inglezes que o povo mais eminentemente catholico da Europa applaudia os revolucionarios que tripudiavam sobre os altares, só pelo facto d'esses revolucionarios terem a Inglaterra por inimiga.

Aproveitando estas disposições da Irlanda, a França dirigio para essa ilha tres expedições. A primeira, commandada pelo celebre general Hoche não pôde desembarcar, porque os temporaes dispersaram a esquadra. A resposta a esta tentativa, que evidentemente contava com as sympathias do povo, foi o pôr o governo a Irlanda em estado de sitio. Esta medida produziu um levantamento em massa. No principio do seculo XIX o odio reaccendia-se mais ardente do que nunca. A repressão foi barbara, atrocissima, deshonrosa para os vencedores. O que o governo do terror fazia em França, com indignação geral da Europa, fazia-o o governo de Jorge III na Irlanda, sem que a Europa se dignasse prestar attenção ás victimas deste odioso systema. Columnas moveis percorriam o paiz, prendendo e fusilando sem mais cerimonia aquelles que julgavam implicados na revolta, pondo assim em vigor a lei dos suspeitos, inaugurada por Danton e Robespierre e contra a qual tão patheticos discursos faziam os rhetoricos declamadores de Westminster-Hall em Londres.

Em 1798 uma nova expedição franceza, commandada pelo general Savary, futuro duque de Rovigo, lança na Irlanda um milhar de homens a cuja frente ia o general Humbert, juntam selhe os insurgentes, são derrotados, e os francezes obrigados a reembarcarem.

Terceira expedição franceza commandada pelo general Hadry, tem ainda peor sorte. O almirante inglez Warren capturou-a quasi completamente.

A Irlanda, como de costume, pagou as custas. O parlamento irlandez foi definitivamente abolido, e lançado no seio do parlamento geral da Grã-Bretanha. Esta medida, que devia, como os Inglezes julgavam, prostrar completamente a sua rebelde irmã, foi pelo contrario a origem da sua salvação. Os ministros inglezes não previam que iam dar a tribuna de Westminster, essa tribuna que tem echos em toda a Europa, a uma das vozes mais eloquentes do presente seculo, e que essa voz seria a d'um patriota irlandez, a de Daniel O'Connell, emfim.

M. PINHEIRO CHAGAS.

(Continua)

MARSELHA

(Conclusão)

Marselha apresenta a forma de uma ferradura, cuja cavidade é o porto; este porto é um dos melhores do Mediterraneo, e o que offerece aos navios mais segurança. Quasi todo é obra da natureza; foi ella que cavou a quinhentas toezas de profundidade essa magnifica bacia de forma oval, onde se podem abrigar perfeitamente mil e duzentas embarcações. A entrada do porto é formada por dois grandes rochedos sobre os quaes foram construidos dois fortes, o de S. João e o de

S. Nicolau, para a defenderem; a grande torre quadrada do primeiro, data do rei René. Estas duas fortalezas estão meio arruinadas e servem de quartel a uma parte das tropas da guarnição. A uma legua do porto de Marselha võem-se tres ilhas, ou antes tres rochedos que a Providencia parece ter ali collocado expressamente para proporcionar a esta cidade lugares onde as precauções sanitarias possam pôr-se em pratica de um modo verdadeiramente util. A ilha de If, a mais pequena, é a primeira que se apresenta. Os rochedos que a rodeiam são escarpados e contam, pouco mais ou menos, cincoenta pés acima da superficie do mar; a extensão destes rochedos é de cento e quarenta toesas, e a largura de cincoenta e cinco. O forte que os defende passa por um dos melhores do Mediterraneo; Francisco I fel-o construir em 1529; consiste em um reducto flanqueado de quatro torres; a ilha em torno é fortificada de angulos reintrantes e salientes conformes á disposição do rochedo. O accesso deste forte é quasi impraticavel; mesmo em calma é batido pelo mar. O nome do castello d'If é ainda celebre; servio de prisão a muitos homens notaveis, sendo o ultimo o conde de Mirabeau.

O forte do castello d'If guarda e protege o espaço comprehendido entre a ilha de Ratonneau á direita, e a de Pomégue á esquerda, espaço em que foi construido o porto Dieudonné. No meio da ilha Ratonneau, está um castello rodeado de algumas fortificações. Foi aqui, que pèlos annos 1765, um cabo, chamado Francoeor, que enlouquecera, se declarou rei de Ratonneau. Effectivamente, durante algum tempo ninguem lhe disputou o direito; mas quando menos o esperava foi preso e mettido no hospital dos doudos.

Marselha divide-se em duas partes bem distinctas: cidade antiga, e cidade moderna; uma, velha, feia, immunda e triste, ruas estreitas, tortuosas; a outra, larga e bem delineada, ornada de bellas construcções, vastas praças, passeios lindissimos. O palacio da prefeitura encontra-se nesta ultima; era habitação de um simples particular, chamado Georges Roux. Este negociante, bastante rico para armar navios contra a Inglaterra, e cujo manifesto de guerra começava por estas palavras: *Georges de Corse à Georges d'Angleterre*, quiz uma casa digna da riqueza que possuia e da posição que adquirira. Em 1805, a cidade comprou este palacio e suas dependencias para nelle estabelecer a prefeitura; esta aquisição foi origem de consideraveis despezas, pelas largas dimensões e riqueza do edificio. A casa da camara é tambem um edificio soberbo; a fachada, que deita para um dos caes, é ornada de baixos relevos e esculpturas.

A igreja cathedral de Marselha, Notre-Dame-de-la-Major, encontra-se na cidade antiga. Este edificio construido sobre as ruinas do celebre templo de Diana, tem sido muitas vezes reconstruido. O monumento, tal como hoje o vemos, nada offerece de notavel; pertence á idade media.

O templo da Virgem, protectora dos marítimos,

eleva-se no cume de um monte, que domina o mar. Esta igreja foi edificada por um padre chamado Pedro, a quem Guilherme, abbade de S. Victor, cedeu aquelle terreno. Esta collina, hoje tão arida, onde apenas vegetam algumas plantas aromaticas, era completamente coberta de mato; ali começava uma floresta que tinha muitas leguas de extensão, *floresta sagrada*, da qual Lucain faz uma descripção pomposa. Todos os annos, pela época da festa de Corpus-Christi, a estatua da Virgem da Guarda, desce á cidade com grande solemnidade. A capella onde reside é venerada pelo povo de Marselha; durante as festas do Pentecostes, os habitantes concorrem ali em multidão, levando suas offertas á Mãe de Christo. O forte de Notre-Dame-de-la-Garde data do reinado de Francisco I; este forte, pouco vale, mas o que o torna digna de attenção, é o ponto de vista que offerece: gosa-se d'ali toda a cidade, enseada, ilhas, etc.

Marselha, sendo uma cidade tão antiga, quasi nada possui de outras eras; os incendios, os cercos, as devastações voluntarias nivelaram o solo

onde se elevavam tão grandiosos edificios. Contudo, esta fatalidade que perseguio os antigos monumentos, respeitou um, notavel pela sua extensão e bella construcção. Os auctores antigos designam-no pelo nome de *Covas de S. Salvador*, por ter sido edificado nos subterraneos da abbadia deste nome. Julga-se ser obra dos romanos.

Além dos edificios que temos citado, encontram-se ainda em Marselha muitos outros de construcção soberba e curiosos; taes são: o grande theatro, o observatorio, que está collocado em uma posição magnifica, o museu, a bibliotheca, a bolsa, a casa da moeda, a academia das sciencias e artes, etc. etc. Tambem conta um grande numero de sociedades scientificas, um jardim botanico e outro de naturalisação, e diversas instituições de beneficencia.

Finalmente, Marselha é a segunda cidade da França; tudo nella é grande e bello: a industria manufactureira tem ali tido um grande desenvolvimento; a commercial é immensa, e no seu porto vê-se sempre um grande numero de navios de todas as nações.



O dominio de Strathfieldsay

Ao norte de Hampshire, e a duzentos e sessenta kilometros, pouco mais ou menos, ao noroeste de Londres, rodeado de formosas collinas e de campos fertes, encontra-se o magnifico dominio de Strathfieldsay, que é dos muitos que a Inglaterra possui, talvez um dos mais ricos e interessantes. O terreno que lhe pertence não tem grande ex-

tensão; mas é abundantissimo em caça de toda a qualidade e offerece pontos de vista lindissimos, perspectivas admiraveis. O palacio é de largas dimensões e eleva-se quasi no centro do parque, desenrolando-se-lhe na frente uma vasta planicie, cuja magestosa uniformidade não é interrompida por uma só arvore. Não attrae a attenção do via-

jante a parte exterior do edificio; a architectura e a esculptura não mostram ali os recursos da arte. O interior, porém, é de uma riqueza e magnificencia surprehendentes: longas e espaçosas galerias, cujas paredes estão cobertas de quadros dos mais notaveis artistas; salas immensas sumptuosamente mobiladas; bibliotheca guarneçada dos melhores livros, e por toda parte estatuas, das quaes algumas são deveras admiraveis.

Ignoramos quem fosse o primeiro possuidor da rica propriedade de Strathfieldsay; o que sabemos unicamente é que pertenceu a lord Chatam, um dos homens mais eminentes da Gran-Bretanha, e que, depois da batalha de Waterloo—para recompensar os serviços e ao mesmo tempo dar-se um publico testemunho de gratidão ao homem que, mais depressa por um capricho da fortuna do que por valor e calculo, fizera cair do pedestal, em que o seu talento e coragem o collocaram, esse grande homem chamado Napoleão—passou ás mãos do duque de Wellington.

CARLOS II DE HESPAÑIA

(Conclusão)

Logo que a rainha teve noticia da saída de D. João, e sabendo que devia passar por Aragão, escreveu aos Estados d'aquelle reino para que não lhe fizessem especie alguma de honras nem demonstrações. Teve, porém, o desgosto de receber em resposta «que de modo algum podiam impedir que se tributassem ao filho do defunto rei e irmão do actual, aquellas homenagens devidas á sua alta cathogoria e serviços.» E cumpriram-no de tal modo, que na sua chegada a Saragoça todo o povo em massa correu a duas legoas fóra da cidade para recebê-lo, gritando com o maior entusiasmo: *¡ Viva o senhor D. João! que triumphe, breve, dos seus inimigos e do padre jesuita!* atiravam-lhe flores e coroas, as damas agitavam os lenços e os homens atiravam ao ar os chapéus com todas as demonstrações de um amor sincero.

Póde considerar-se o profundo desgosto que semelhante ovação produziria nos animos da rainha e do padre confessor, e a profunda aversão que tomaram ás auctoridades, e povo de Saragoça. Não produziu menos effeito aquella demonstração nos animos dos cortezaos e do povo de Madrid, regosijando-se della os partidarios do principe e presagiando outras grandes calamidades e conflictos. A junta da cidade, reunida em sessão extraordinaria no dia 1 de fevereiro, enviou uma deputação ao presidente de Castella para representar-lhe as desordens que poderia occasionar a vinda de D. João com tropas em tempos de tanta agitação; desordens que o mesmo principe não poderia evitar, ainda que não estivessem de accordo com os seus sentimentos. O presidente consultou Sua Magestade e o Conselho sobre o que devia fazer-se, e resolveu-se expedir a D. João uma ordem peremptoria para que despedisse a sua escolta; mas o principe, cheio de orgulho ja com o seu prestigio e poder moral, proseguio sua

marcha, deteve dois dias o correio, e no terceiro despachou-o com o recibo da ordem sem outra resposta.

A inquietação e susto da corte e do povo cresceu assombrosamente e como era de esperar de semelhante saída. Uma parte dos senhores da corte e do governo poseram-se logo ás ordens do presidente de Castella e asseguraram á rainha a sua decisão e constancia. Reuniram-se todas as tropas da cidade e cercanias, circularam ordens energicas para manter a ordem, e tomaram-se, emfim, outras medidas extraordinarias, como se se tratasse de sustentar em Madrid um cerco formal. E tudo isto por causa de uma força de trezentos cavallos, que tanto era o acompanhamento do principe.

Feito tudo isto, a rainha ordenou ao marquez de Penalva fosse ao encontro de D. João e lhe reiterasse o seu mandado de despedir a escolta; mas o marquez exigia para dar este passo uma ordem em forma do Conselho Real, ordem que o secretario de Estado se negou a passar, por se não haver contado para isso com o Conselho do Governo. A rainha irritada contra o secretario, reprehendeu-o asperamente pelo seu procedimento; mas os individuos do conselho consultivo, o cardeal Aragão, o Chanceller e o conde de Penaranda, deram-lhe razão, e censuraram o presidente de Castella por auctorisar uma ordem para a qual se não havia contado com aquelle.

De todas estas desavenças em momentos tão criticos, resultou não se fazer cousa alguma, nem tão pouco tranquillisar os animos. A rainha, não podendo conseguil-o pela força, tratou como sempre de ensaiar os termos conciliatorios, e para tal fim escreveu-lhe outra carta mui expressiva por intervenção de D. Diogo Velasco, que era amigo de D. João. O principe, porém, que estivera secretamente em Madrid e conhecia perfeitamente o estado dos animos, e que o seu poder e influencia era tal que tudo podia emprehender, respondeu á rainha com firmeza, que exigia o desterro do padre Nitard, verificado o qual estava sempre disposto a obedecer ás suas ordens como o mais fiel subdito.

Conhecida, pois, esta immutavel exigencia, assim como a tenacidade da rainha, o nuncio Borromeo, o Conselho d'Estado e os grandes desrolaram todo o seu zelo para resolverem Sua Magestade a ceder; e ainda propozeram os meios de uma evasão voluntaria do confessor. Elle mesmo, convencido do perigo que corria, reiterou á rainha as suas instancias para que lhe permittisse partir; mas Sua Magestade afogada em lagrimas, só com a ideia do sacrificio, respondia sempre negativamente.

Entretanto o principe achava-se já com suas tropas em Torrejon de Ardoz, a quatro legoas de Madrid. A inquietação redobrava na corte; o Conselho do Governo reunio-se e encarregou o nuncio de S. S. de se dirigir a D. João e fazel-o mudar da resolução que tomara de ir contra a sua soberana. O nuncio foi, effectivamente, e regressou

mui tarde: toda a população de Madrid velava esperando pelo resultado desta entrevista. O nuncio manifestou que todas as suas instancias para obrigar o principe a retirar sequer até Guadalajara, foram inuteis; e que a sua irrevogavel determinação era «que se no dia seguinte o padre Everardo não tivesse saído pela porta, elle proprio o faria sair pela janella»; com outras palavras que o nuncio (inimigo do padre), exaggerou ou desligurou com o intento de preparar a queda do jesuita e resolver o negocio neste sentido.

O desditoso padre Nitard, sabedor do que se passava, depois de confessar a augusta soberana, deitou-se-lhe novamente aos pés, rogando-lhe encarecidamente que o não expoesse aos ultrages de um principe exasperado; que n'isso lhe ia nada menos que a vida, e que não via outro meio de salvá-la, se não cedendo ás circumstancias; mas a rainha só lhe respondeu com lagrimas e dando-lhe novas seguranças, que estavam mui longe de tranquillisar o animo do confessor. Comtudo, a sua fidelidade e sympathia pela rainha, levaram-no a declarar, que, uma vez que não podia obter de Sua Magestade a real licença que sollicitava, mais depressa se deixaria fazer em quartos do que abandoná-la.

As cousas chegaram a tal extremo que na manhã de 25 de fevereiro o pateo do Palacio, foi invadido por uma multidão audaz que pedia em altos gritos a saída do confessor, com mil imprecações e injurias á sua pessoa. O duque do Infantado e o marquez de Liche correram ao quarto de Sua Magestade, que não tinha fechado os olhos em toda a noite, e na occasião lamentava o seu angustioso estado com uma das suas camaristas chamada D. Eugenia; reunio-se immediatamente o Conselho, em vista da urgencia do perigo de um grave motim que já ganhava todos os angulos da cidade; e ainda que houve aulicos tão obcecados que aconselharam a resistencia, não foi difficil aos outros convencer-os da inutilidade de tal meio e da imprudencia grave que seria o comprometter a esse ponto a tranquillidade publica por causa de um religioso estrangeiro que, com rasão ou sem ella, chegara a ser objecto de geral aversão.

O duque do Infantado e o marquez de Liche não poderam penetrar no quarto de Sua Magestade; pelo que desceram precipitadamente ás secretarias, para fazer com que o Conselho tomasse alguma prompta determinação. Conseguiram-no por intervenção de D. Blasco de Loyola; mas em todas estas idas e vindas o tempo passava, a multidão crescia e invadia já as proprias salas do Conselho gritando ousada: *Saia de Madrid o jesuita.*

Os ministros e o Conselho, déveras assustados, adoptaram em fim uma resolução decisiva, e redigiram um decreto para ser assignado pela rainha, pelo qual se ordenava ao padre Nitard que saísse de Madrid dentro em tres horas. A rainha, a cuja presença subio com o decreto D. Blasco, não oppoz a menor resistencia em firmá-lo, nem

deramou uma unica lagrima; só o mandou redigir de outra forma mais lisongeira para o padre, declarando «que cedia a suas reiteradas instancias para sair do reino, ainda que mutissimo satisfeita da sua virtude, merito e serviços, e que, afim de que o podesse fazer de uma maneira propria do seu character e dignidade, o nomeava seu embaixador extraordinario em Roma ou em Vienna, á sua eleição, continuando nos cargos de inquisidor geral e conselheiro de Estado.»

Ainda bem não havia desaparecido o secretario da vista da rainha, já pelas faces desta as lagrimas corriam abundantemente, dizendo em alta voz: «Infeliz de mim! De que me serve o ser rainha se não posso fazer a minha vontade em ter junto de mim um confessor da minha confiança? Quem senão eu está privada do seu livre arbitrio! Desditosa! que te resta da magestade e do throno?»

O Conselho encarregou o cardeal Aragão e o conde de Penaranda de pôrem ao facto o padre Everardo da ordem assignada pela sua afeiçoada soberana; este não se mostrou surpreso com a noticia. Os superiores dos jesuitas e o almirante de Castella foram tambem preparal-o para aquella desgraça e este ultimo ainda lhe fez certas convenções, que o bom do religioso repulsou com arrogancia.

Conformado, pois, a sair immediatamente de Madrid; só lhe custava o não poder sequer despedir-se da sua bemfeitosa, d'aquella que sempre o tratara com tanto carinho; e chegou a tal ponto o seu sentimento nesta parte, que o cardeal e todos os circumstantes não poderam conter as lagrimas á vista de tão sincera dedicação. O proprio cardeal offereceu-lhe mil dobrões para gastos da viagem; mas, o padre não acceitou a offerta, dizendo: «Religioso pobre entrei em Hespanha, pobre sairei d'ella.» E quando, já de noite, o cardeal, voltando para acompanhá-lo á sua carruagem, lhe perguntou se tinha disposto a sua equipagem, respondeu «que toda ella consistia no seu habito e no seu breviario.» Partiram, pois, acompanhados de alguns familiares do santo officio; mas logo que o povo, agrupado nas ruas do transito, suspeitou que ia na carruagem o confessor, prorompeu em gritos desaforados, doestos e maldições, atirou-lhe com pedras, e se não fosse o respeito que infundia o cardeal e a sua presença de espirito, não escaparia á morte: O padre Everardo com apparente tranquillidade, e os olhos banhados de lagrimas, respondia áquellas vociferações com estas palavras: «Adeus meus filhos, vou-me embora.»

Em quanto ás embaixadas de Roma e de Vienna, embora a rainha lhe escrevesse para Fuencarral, reiterando a sua nomeação, o jesuita não quiz acceital-a. Só tomou a quantia de dois mil pesos que a mesma senhora lhe enviara para a viagem; pois era tal a modestia do padre, que no seu quarto só foram encontrados alguns moveis pobres, um cilicio e umas disciplinas.

No theatro cortezão, com a saída do padre Nitard, houve completa mudança de scena: logo to-

dos dirigiram seus olhares e adulações para D. João. Este escreveu á generosa rainha dando-lhe graças por ter afastado do seu lado o confessor, e pedindo-lhe permissão para ir a Madrid beijar-lhe ás suas reaes mãos. A rainha, porém, em vez de dispensar-lhe esta honra, mandou que se retirasse a doze leguas da cõrte; resposta que o principe muito sentio, mas que não foi bastante para dissuadir-o de escrever á rainha e ao Conselho insistindo em que fosse exonerado o jesuita das dignidades e empregos que obtivera; isto não só com o fim de impedil-o de voltar a Hespanha, se não para que taes vagaturas fossem preenchidas por homens de reconhecido merito e serviços. Queria tambem sua alteza que se tirasse a presidencia de Castella ao bispo de Plasencia, por ser elle quem firmara a sentença de morte de Malladas, e que o marquez de Aitona, seu inimigo capital, deixasse de ter voto no Conselho.

A rainha escreveu novamente a D. João manifestando-lhe o desgosto que lhe causavam as suas exigencias, e reiterando a ordem de afastar-se e licenciar a sua escolta; ao que elle replicou que o faria logo que soubesse achar-se fóra do reino o padre Nitard. Por ultimo o proprio cardeal dirigio-se a Guadalajara, e empenhou-se com o principe para que obedecesse ás ordens da soberana: assignou-se uma especie de tratado, na verdade, bem pouco lisongeiro para o throno, e, emfim, o principe licenciou a sua tropa.

Mas, não eram ainda decorridos tres mezes, pelo motivo da organização de uma guarda real, tornou o principe a escrever á rainha, mostrando-lhe os inconvenientes de semelhante medida. Ella, porém, não fez caso, nem deu ouvidos as muitas reclamações dos tribunaes e auctoridades de Madrid, e do que tratou foi de confirmar as suas ordens para que D. João saísse de Guadalajara: verdade é, que para o empenhar a isso o nomeava vice-rei e vigario geral da corõa de Aragão.

Isto parece que satisfiz os desejos e orgulho do principe, o qual respondeu á rainha muito submisso, pedindo-lhe unicamente que cuidasse na educação do rei menor. Ao mesmo tempo dirigio uma supplica ao papa para que obrigasse o padre Nitard a demittir-se do cargo de inquisidor geral; mas a rainha, que nunca o esquecera, trabalhava por seu lado para lhe ser conferido o capello. Esta obstinação da soberana e o receio de que uma vez cardeal o bom do padre voltaria a Madrid appoiado pelo novo regimento ou guarda *de la Chamberga* (assim chamado pelo seu trajo á franceza e moda de Mr. Schomberg) agitaram fortemente os animos; os mais turbulentos faziam correr com estas vozes um decreto apócrifo em que se mandava desarmar o povo, e encareciam e exageravam ás desordens e a arrogancia dos *Chambergos*, em termos que o odio para com elles crescia de dia para dia.

Entretanto D. João proseguia em Saragoça senhor de todos os corações, e com uma invejavel popularidade, e continuava em Madrid e em Roma os seus meneios contra o padre Nitard. O

Conselho tratou tambem de appoiar estes e de neutralisar os da rainha a seu favor, propondo ao pontifice outras pessoas para o capello; e tanto o convenceu, que o padre Nitard não só o não obteve, como foi tambem obrigado a demittir-se dos seus cargos e a entrar em um collegio de jesuitas nas proximidades de Roma. Esta desgraça causou desgosto tão grave á religiosa soberana, que adoeceu, não podendo vingar-se logo de D. João, a quem suppunha auctor destes desaires.

Mas depressa se lhe offereceu occasião de fazer sentir ainda a sua protecção ao padre jesuita; porque fallecendo o papa Clemente IX e succedendo-lhe no pontificado o cardeal Altieri, que tomou o nome de Clemente X, tornou a nomear novamente o padre Everardo seu embaixador em Roma, e tanto trabalhou, que conseguiu fazel-o arcebispo de Edesa, e por fim cardeal em 1672, tomando o nome de Bartholomeu de Isola.

O novo cardeal escreveu então a D. João uma carta muito attenciosa, pensando com isto attrair a sua benevolencia e a possibilidade de voltar á Hespanha; mas enganou-se completamente, porque o principe nem sequer lhe respondeu; e este desaire ea consideração do favor que o principe continuava gosando no conceito do publico, dissuadio-o da idéa de regresso, até d'ali a tres annos em que terminou a menoridade de Carlos II.

Assim acabou a influencia do bom padre Nitard; mas não se julgue que se restabeleceu o socego no reino, e que o lugar de valido ficou vago: outro personagem não menos celebre, que por intervenção do confessor tivera entrada no palacio, soube de modo tal tornar-se affeiçãoado á rainha que ella na ausencia do padre o escolheu logo para seu conselheiro e lhe conferio as mais altas dignidades do reino. Este personagem foi D. Fernando de Valenzuela, de quem opportunamente fallaremos, para que este nosso resumido trabalho possa dar a idéa mais completa do que se passou n'aquelle reino em todo o tempo da menoridade do filho de Philippe II. E tudo isto porque? Por causa de duas boas almas, dois modelos de virtude, dois corações humanos e generosos: uma rainha, como quasi todas as que a nossa vizinha tem tido, religiosa e amante do seu povo; um bom padre, sem aspirações ás grandezas da terra, despedido de ambição! Mas é que o povo nunca está satisfeito, e os aulicos nem todos são dotados dos mesmos sentimentos. As creaturas candidas e singelas tiveram sempre o odio da humanidade. Veja-se o que em pleno seculo XIX se tem passado com a virtuosa Isabel II.

Quando, em a nossa juventude, os homens e as cousas não tem podido arrancar-nos aquella delicada flor do sentimento, aquella verdura de pensamento, aquella nobre pureza de consciencia, que nunca nos deixa transigir com o mal: compenetramo-nos dos nossos deveres; a nossa honra fala alto e faz-se escutar; somos francos e sinceros.

H. de BALZAC,